
ARTIGOS

Persp. Teol. 22 (1990) 289-309

"COMO O PAI ME ENVIU, EU TAMBÉM VOS ENVIO" (A Mulher na Evangelização)

Maria Clara Lucchetti Bingemer

Aproxima-se a data de celebração dos 500 anos de evangelização da América Latina, quando toda a Igreja do continente estará empenhada em realizar uma avaliação da primeira evangelização que tomou o espaço destes quatro séculos e traçar perspectivas para o futuro, vislumbrando as grandes linhas do que se começa a chamar com sempre mais frequência e intensidade de "nova evangelização".

Nas tentativas de balanço e avaliação que vêm sendo feitas, tem-se constatado com quase unanimidade, ao lado de toda a inegável positividade existente, alguns pontos obscuros e sobretudo algumas ausências. Muito se tem falado, por exemplo da ausência dos índios e dos negros na linha de frente da evangelização. Vozes se têm levantado questionando o lugar apagado e sem destaque que os representantes destas raças e etnias têm ocupado ou mesmo a opressão de que foram vítimas no decurso de um projeto de evangelização que algumas vezes não conseguiu libertar-se suficientemente de uma aliança com o projeto colonial¹.

Este artigo gostaria de chamar a atenção para uma outra ausência, menos falada até aqui, parece-nos: a ausência da mulher. Embora presente e muito atuante no nível "subterrâneo" da caminhada da Igreja, a mulher não tem aparecido de maneira suficientemente visível no que se chamaria a "linha de frente" da evangelização e da proclamação da Boa Nova. E isto se deu não só no continente latino-americano, mas em todo o mundo. Sua atuação e seu empenho na difusão do Evangelho nem sempre "apareceram" a ponto de poder ser vistos e apreciados, permanecendo visíveis apenas aos olhos de Deus.

Hoje, quando por toda parte se fala e se deseja uma nova evangelização, é tempo — parece-nos — de resgatar esta situação, trazendo à luz a importância da mulher no trabalho e na missão primordial da

1 V. sobre isto L. BOFF, "Exigências teológicas e eclesiológicas para uma nova evangelização", REB 47, fasc. 196, dezembro 1989, 778-798.

Igreja que é o anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo a toda criatura. Para isso, consideraremos a evangelização como um processo com diferentes etapas, que são como notas diferentes que se entrecruzam e se alternam para fazer ressoar uma mesma melodia. São elas: escuta da Palavra, confissão de fé, envio em missão e construção da comunidade. Após identificar em que consiste cada etapa, procuraremos mostrar como, no Novo Testamento, a mulher aparece presente constantemente e mesmo com destaque em todas elas. Ou seja, procuraremos ressaltar como desde o primeiro momento do "acontecimento" do Evangelho no meio do mundo, a mulher lhe é íntima e profundamente associada pelo próprio Senhor, pelo primeiro Evangelizador que é Jesus Cristo. E como, pela sua resposta entusiasta e comprometida a este convite do Senhor, ela se torna peça fundamental e indispensável da missão evangelizadora não só da primeira Igreja, como da Igreja de todos os tempos e lugares, inclusive do nosso tempo e lugar, às vésperas da comemoração do 500º aniversário do descobrimento e evangelização do continente.

1. A escuta da Palavra

Maria, sentada a seus pés... escutava sua palavra (Lc 10,39)

O ato primeiro da evangelização não é o proferir de uma palavra, mas a escuta da mesma. Trata-se, portanto, de receptividade, abertura, passividade, contemplação, antes que anúncio e proclamação audível e perceptível. Antes de falar, o evangelizador é chamado a colocar-se à escuta de uma Palavra que vem de Outro, que o possuirá e o configurará para que seu anúncio seja digno de crédito e acolhida. O evangelho, pois, é palavra ouvida, escutada e acolhida, antes de ser palavra anunciada e proclamada².

Colocando-se à escuta dessa Palavra maior que o reconstrói por dentro e o converte em anunciador e testemunha, o evangelizador, que é, antes de mais nada, evangelizado, recebe dessa mesma Palavra a revelação sobre sua verdadeira identidade. Ouvir a Palavra de Deus, além de permitir aprender algo sobre o mistério d'Aquele que se revela a Si mesmo, leva a um conhecimento maior e mais autêntico sobre si própria, da pessoa mesma que escuta. Porque ouvir a Palavra de Deus confirma o ser humano na sua humanidade, e portanto, na sua condição de criatura, imagem de Deus.

2 A definição que a "Evangelii Nuntiandi" dá de evangelização nos seus nn. 18 e 24 se aplicam, de forma reflexa, ao próprio evangelizador, que tem que ser constantemente evangelizado para que possa levar a cabo sua missão de evangelizar.

Ora, o que caracteriza, justamente, o ser humano e o diferencia dos outros seres criados é essa possibilidade, a ele dada como dom, de abrir-se ao Transcedente, de desejar o Infinito, de escutar o Inefável e o totalmente Outro. É ser, em suma, um ouvinte da Palavra³. Na fragilidade e provisoriedade de sua carne, o ser humano recebe a revelação, dada pelo mesmo Deus, da constituição de seu eu mais profundo, tornado capaz de ouvir e acolher a Palavra criadora que se autocomunica e lhe revela sua condição plenamente humana, de interlocutor de Deus⁴. É apenas dessa escuta e dessa acolhida, dessa tomada de consciência sobre si própria como ser relacional e ouvinte que pode nascer o processo de evangelização, como proclamação da Palavra escutada, como transmissão e continuação da cadeia de relações iniciada entre o ser humano e seu Deus.

A evangelização, portanto, antes de ser anúncio, é discipulado. É aprendizado obediente vivido aos pés do Senhor, como o aluno aos pés do mestre. É exercício do ouvido que procura estar sempre mais aberto e disponível para receber a Palavra que ensina, fortalece, revela, consola. É este ouvido de discípulo que é pedido humildemente a Deus pelo profeta (Is 50,4). Ouvido que torna possível uma escuta que abarca tanto o fenômeno da percepção acústico-sensitiva como o da aceitação espiritual. O verbo grego *akouó* e o substantivo *akoé* podem implicar ambas as coisas no seu emprego neotestamentário. E acompanhados de palavras que indicam atenção, intensidade, respeito e devoção "a partir de baixo" tomam o significado de *obedecer* e *obediência*⁵.

Evangelizar é, portanto, uma missão recebida e não uma decisão auto-suficiente, tomada por si mesmo. Missão recebida, ouvida e discernida na oração, contemplativamente. Nas origens mais remotas da evangelização está, pois, a escuta humilde que relembra ao ser humano sua condição de ouvinte e o faz ser, cada vez mais, discípulo de um Senhor que o forma em sua escola para poder enviá-lo, então, a proclamar sua Palavra. Assim foi com a primeira comunidade evangelizadora, convocada por Jesus para o aprendizado na escuta e no seguimento, formada por Ele mesmo para continuar sua missão e levar sua palavra

3 Cf. a concepção de revelação de K. RAHNER, que define o ser humano como ouvinte da Palavra. Cf. *Curso fundamental da fé*, São Paulo, Paulinas, pp 37-59.

4 Ibid. Cf. tb. L. BOFF, "Constantes antropológicas e revelação", REB 32, fasc. 125, março 1972, 26-41.

5 Cf. L. COENEN, E. BEYREUTHER, H. BIETENHARD, *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento*, vol. III, Salamanca, Sígueme, 1983, 203-209. Cf. tb. A. M. TEPEDINO, *As discípulas de Jesus*, Petrópolis, Vozes, 1990, 45-48.

a outros. Nas origens da evangelização, então, está uma experiência: a experiência de escutar a Deus e acolhê-lo em seu íntimo, deixar-se transformar por Ele e obedecer aos seus desejos e aos seus convites.

A diferença, porém, dos outros "rabis" de sua época, Jesus de Nazaré não admite apenas discípulos homens nesse grupo que escuta seus ensinamentos e o segue pelos caminhos da Palestina. E é assim que vamos encontrar, no evangelho de Lucas, sentada aos seus pés, na posição clássica do discípulo, a mulher Maria de Betânia (cf. Lc 10,38-42)⁶. Como Paulo recorda seu discipulado sentado aos pés de Gamaliel, escutando seus ensinamentos (cf. At 22,3) assim essa mulher de Betânia, que Jesus amava — tal como amava a sua irmã Marta e a seu irmão Lázaro (cf. Jo 11,5) — nos é mostrada pelo evangelista sentada aos pés de seu bem-amado Mestre para escutá-lo e beber suas palavras, enquanto sua irmã Marta se agita para servi-lo, cumprindo os papés tradicionais destinados à mulher, quais sejam, os afazeres domésticos.

Na cena das duas irmãs, a moderna exegese e também a teologia bíblica nos fazem ver uma mulher reivindicando para si, livremente, um direito até então concedido somente aos homens: escutar os ensinamentos do "rabbi"⁷. Assim fazendo, Maria de Betânia instaura uma ruptura na ordem pré-estabelecida da sociedade judaica e mesmo de sua própria casa, provocando a indignação e o protesto de Marta. E se seu gesto já causa espanto, as palavras de Jesus que o referendam, muito mais ainda. Além de não dar razão a Marta em sua queixa, o Mestre confirma Maria no discipulado. Aceita como discípula, para isso escolhida antes de escolher ela mesma, e confirmada no lugar que ocupa, Maria recebe do Senhor a permissão e a promessa de permanecer com a melhor "parte" que escolheu. Esta "não lhe será tirada" porque se trata da única coisa necessária, ou seja, do próprio Jesus e sua Palavra, a quem a mulher Maria de Betânia dá prioridade sobre toda e qualquer outra coisa⁸. Rompendo com a tradição rabínica judaica, que reservava aos

6 E. SCHÜSSLER FIORENZA, comentando outro texto, Jo 12, 1-8, a cena da unção dos pés de Jesus no banquete de Betânia, afirma que Maria de Betânia ilustra a práxis da verdadeira discípula. Cf. *In Memory of Her: a Feminist Theological Reconstruction of Christian Origins*, New York, Crossroads, 1983, 330.

7 J. DUPONT, "Marta e Maria, o serviço e a escuta", in *Liturgia e Vida* 149 (1978) 41.

8 A conclusão mais profunda deste episódio é que a palavra de Jesus passa adiante de toda preocupação temporal. A exegese ulterior encontrará aqui frequentemente a proclamação da superioridade da contemplação sobre a ação; de fato, não se trata aqui de contemplar, mas de *escutar* a palavra que chama à fé e ao compromisso. V. Novo Testamento TOB, Lc 10, 42, nota f.

homens o direito do discipulado, Jesus pode-se dizer que investe aquela que tudo preteriu para escutá-lo com o carisma que a integra na comunidade de discípulos⁹.

Essa palavra que Maria ouviu e acolheu, ela a pôs em prática. Podemos vê-la focalizada pelos evangelhos em outros relatos, chorando a morte do irmão Lázaro e encontrando, do outro lado de sua dor, a fé e a esperança n'Aquele cuja Palavra a conquistara para sempre: "Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido" (Jo 11, 32). Ou ainda, no capítulo 12 do quarto evangelho, unguindo os pés de Jesus com um perfume caríssimo e enxugando-o com os cabelos. Interpretações atuais feitas por teólogas e biblistas mulheres sobre este relato levantam a hipótese de que o gesto de Maria teria o alcance de uma antecipação da recomendação de Jesus feita aos discípulos do serviço agápico de lavar os pés uns dos outros¹⁰. Ou ainda ressaltam o paralelo que parece emergir do evangelho entre a posição de Maria e a de Judas, mostrando a diferença entre a verdadeira discípula Maria de Betânia e a infidelidade do discípulo Judas Iscariotes¹¹.

A todos nós hoje, certamente, porém, a discípula Maria de Betânia ensina que evangelizar é, antes de tudo, uma questão de amor. O evangelho não é conteúdo intelectual que se aprende e memoriza para depois reproduzir, mas é Palavra que apaixona e seduz por ser Palavra encarnada na pessoa de Jesus Cristo que, àqueles e àquelas que o ouviram e seguiram, fez a exigência de ser amado acima de tudo (cf. Mt 10,37-39; Mc 8,34-35; Lc 14,26-27; 9,23-24). Para poder anunciar o Evangelho, para ser capaz de evangelizar, de comunicar essa Palavra cujo conteúdo é Jesus mesmo¹², portanto, é preciso enamorar-se, deixar-se seduzir, abrir os ouvidos para receber a Palavra que envolve e compromete a vida inteira, canalizando as forças e as energias, exigindo tudo e conduzindo à obediência até a morte. E é ser feliz, bem-aventurado pelo simples fato de poder escutar esta Palavra e colocá-la em prática. A discípula Maria de Betânia nos é mostrada pelo Evangelho vivendo esse amor radical e totalizante.

As mulheres que se encontraram com Jesus de Nazaré "naquele" tempo fizeram a experiência de que sua vocação escatológica, seu cami-

9 Cf. F. LONG e R. PIETRO, *L'altra metà della Chiesa*, Roma, CNT, 1980, 28-30.

10 A. M. TEPEDINO, *op. cit.*, 122-123.

11 E. SCHÜSSLER FIORENZA, *op. cit.*, 331

12 Cf. EN 26, 27.

nho para a bem-aventurança é ser discípulas fiéis e obedientes, ouvir a Palavra de Deus e colocá-la em prática, e não apenas responder a contento às expectativas ligadas à sua maternidade biológica (cf. Lc 11,27) ou ao desempenho dos afazeres domésticos (Lc 10,40). As mulheres hoje continuam sendo chamadas a trazer para toda a comunidade evangelizadora a inestimável contribuição da sua escuta amorosa da Palavra como elemento primeiro no processo de evangelização.

A mulher tem uma maneira própria de viver a relação com Deus, "sente" a Deus de outro modo, mais unitário e integrado¹³. Acostumada a liberar e deixar emergir sua afetividade e a não ter o pudor culturalmente inculcado nos homens dos próprios sentimentos, tem condições de viver a escuta do Evangelho de maneira própria e original. Nessa escuta que a seduz e apaixona, ela não teme a audácia da entrega total e amorosa, que abarca todas as dimensões do ser e tem repercussões profundas até mesmo na sua corporeidade¹⁴; não tem vergonha de realizar gestos extremos e apaixonados como os das mulheres do Evangelho que choram sobre os pés de Jesus, beijam-nos e perfumam-nos.

Nas comunidades hoje, a mulher é e tem sido essa presença que ajuda a todos a estabelecer uma relação amorosa e apaixonada com o Senhor, permeada de afetividade e prenhe de consolação e ternura. Vivendo a prioridade absoluta da escuta da Palavra e da contemplação que dela decorre, conduz toda a comunidade pelo caminho sem volta do amor que, paradoxalmente, mais se dá na medida em que exige mais despojamento, abnegação, entrega. Na pobreza aquiescente de sua escuta humilde da Palavra de Deus, as mulheres que coordenam os Círculos Bíblicos, as Comunidades Eclesiais de Base, os grupos de oração, vão ajudando a formar nessa mesma escola aqueles e aquelas que serão os futuros evangelizadores. Pois é essa experiência de escuta que é, fundamentalmente, experiência de amor, a única que prepara para confessar com a boca aquilo que se escutou com o ouvido e o coração.

13 Cf. C. DEL PRADO, "Eu sinto a Deus de outro modo", *REB* 46, fasc 181, março 1986, 15. Cf. tb. meu artigo: "No princípio era a força que move a mulher", *Vida Pastoral* 31 (1990) nº 150, 10-17.

14 Poderíamos citar aqui o exemplo de numerosas mulheres, santas ou místicas — Santa Teresa de Ávila e outras — que fizeram a experiência de sentir a repercussão da escuta amorosa da Palavra de Deus em sua corporeidade. Contentamo-nos em registrar o dado de que a experiência de Deus toma todo o espaço antropológico, não deixando de lado o corpo humano.

2. A confissão de fé *Crês nisto? (Jo 11,26)*

Quem fez a experiência de ouvir a Revelação de Deus através da escuta amorosa de Sua Palavra é chamado, então a *confessar* sua fé. Entendemos aqui por confissão o ato pelo qual alguém proclama, no contexto de uma comunidade, coisas, decisões ou tomadas de posição pessoais. É assim que na Sagrada Escritura o povo *confessa* as obras poderosas de Javé, ao mesmo tempo que *confessa* seus pecados ou seu reconhecimento. Existe também a confissão cultural, sob a forma de aclamações e doxologias litúrgicas¹⁵.

No NT, a palavra *homologéo*, que se traduz por *confessar* aparece 26 vezes (das quais 10 em Jo) e é um conceito muito amplo, cuja gama de matizes vai desde o significado fundamental jurídico que adota no grego profano até a aceção judaica tardia de confissão dos pecados. O substantivo *homologia* (confissão), no entanto, que aparece 6 vezes, designa exclusivamente a confissão de fé cristã (cf. 2 Co 9,13; 1 Tm 6,12-13) e tem lugar bem definido na liturgia (cf. Hb 3,1; 4,14; 10,23)¹⁶.

Jesus renova a noção de confissão vétero-testamentária exigindo que se confesse a fé em sua própria pessoa. Quando, em Mt 10,32s, por exemplo, o Senhor fala em confissão, trata-se do testemunho que pode ir até o sangue derramado. O texto que precede esse versículo do capítulo 10 de Mateus (26-31) deixa isso claro, ao mostrar Jesus consolando e tranquilizando seus discípulos em relação àqueles que podem matar o corpo e não a alma. Confessar sua fé em Jesus equivale, portanto, a ligar sua sorte à de Jesus e declarar-se publicamente por ele, em palavras e em atos. Aos que assim fazem, Jesus os reconhecerá como seus diante do Pai (v. 33)¹⁷. O texto adquire ainda mais força e um matiz todo especial por se lhe contrapor sua negação, expressa pelo termo *arnéomai* = renegar (cf. além de Mt 10,32s, tb. Jo 1,20; Tt 1,16; 1 Jo 2,23). Já que a negação é sempre sinônimo de uma apostasia global de Jesus e sua proposta, esta contraposição sublinha de um modo particular o compromisso escatológico que está implicado na confissão e profissão da fé. Na medida em que o ser humano, diante daqueles que o cercam, confessa Jesus ou se afasta dele, leva a cabo uma decisão cujo

15 Cf. K. RAHNER, H. VORGRIMLER, *Petit dictionnaire de théologie catholique*, Paris, Seuil, 88.

16 L. COENEN, E. BEYREUTHER, H. BIETENHARD, *Diccionario teológico del Nuevo Testamento*, vol. I, 295.

17 Cf. Mt 10,33 nota k da TOB.

peso se remete a Deus no juízo. Aquele ou aquela que crê está unido a Jesus Cristo de tal maneira e tão profundamente que confessar sua fé n'Ele equivale a confessá-la diante de Deus¹⁸.

Paulo também vai afirmar ser a confissão de fé em Jesus necessária para testemunhar a fé (cf. Rm 10,9s), descrevendo-a como um ato totalizante e coerente que envolve a pessoa toda (confessar com a boca + crer com o coração). A dimensão interior de adesão à Palavra proposta e à pessoa de Jesus se alia, pois, a dimensão pública que faz o ser humano confessar, professar, sua fé de maneira audível e inteligível por aqueles que o ouvem.

A fé confessada é, pois, o ato pelo qual o ser humano se entrega a Deus reconhecendo-o como único autor da salvação em Jesus Cristo. Por isso, a fé não se apoia nem sobre a sabedoria humana nem sobre o prestígio daqueles que transmitem e anunciam a palavra, mas sobre o poder de Deus (cf. 1 Co 2, 1-5; 1 Ts 1,5). Sendo adesão que comporta também uma dimensão intelectual e que atinge a razão humana, a fé é ao mesmo tempo e sobretudo submissão a Deus na escuta de sua Palavra e na obediência (cf. Rm 6,17; 2 Co 10,4-5; 2 Ts 1,8). O ser humano se confia a Deus que ele reconhece fiel a suas promessas e capaz de mantê-las (Rm 3,3-4; 1 Co 1,9; 2 Co 1,18; Rm 4,21). Por ser, como é, algo que não repousa sobre as prerrogativas e capacidades humanas, a fé é um dom de Deus, uma graça (2 Ts 2,13) e a confissão do senhorio de Jesus que ela comporta não é possível a não ser *no Espírito Santo* (Rm 10,9; 1 Co 12,3) ou seja, por intervenção direta do próprio Deus¹⁹.

É por isso que a confissão de fé é elemento intrínseco e essencial à evangelização. Não basta ter escutado a Palavra e a ela aderido no íntimo do coração. É preciso tornar pública essa adesão, assumi-la e às suas conseqüências diante de outros que poderão, a partir daí, cobrar daqueles e daquelas que confessaram, atitudes em coerência com aquilo que disseram. O evangelizador deve ser, antes de mais nada, uma testemunha fiel, um confessor da fé que dará razão até o fim, com seus atos, sua palavra e, eventualmente, com seu sangue, da esperança que o anima.

Nos primeiros séculos do Cristianismo, enquanto a perseguição aos cristãos ceifava vidas e enriquecia a Igreja com numerosos mártires, o Espírito Santo se manifestava também através do carisma dos confessores que, não tendo chegado a derramar seu sangue, continuavam no entanto, mesmo sob risco de vida, a defender corajosamente a fé diante

18 Cf. *Diccionario teológico del Nuevo Testamento*, vol. I, 294-295.

19 Cf. Rm 10,9s, nota z da TOB.

dos pagãos. Não ousando atribuir para si o título de mártires chama-se estes e estas que confessam sua fé em Jesus Cristo de "humildes confessores" e através de seu testemunho, vão dando prosseguimento à evangelização nascente²⁰.

O quarto evangelho nos mostra uma mulher pronunciando em plenitude esta confissão de fé exigida por Jesus. Em meio à dor provocada pela morte do irmão, Marta de Betânia redescobre, no fundo de si, intocada, sua fé em Jesus como fonte da vida e da salvação: "Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido. Mas agora ainda, eu sei que tudo o que pedires a Deus, Deus to dará." (Jo 11,21-22). Essa fé de Marta é desafiada pelo próprio Jesus e é isso que a faz chegar à confissão cheia de conteúdo teológico que constitui o clímax do diálogo entre os dois.

Revelando a Marta sua identidade, Jesus se autodefine como "a Ressurreição e a Vida", Aquele que traz para quem nele crê a vida que não morre. E após fazer essa revelação inaudita, pergunta à amiga: "Crês nisto?" É a partir dessa pergunta do próprio Senhor que Marta vai confessar a sua fé. E sua confissão sintetiza tudo aquilo que sobre Jesus é dito nos evangelhos: "Sim, Senhor, eu creio que tu és o Cristo, eu creio que tu és o Filho de Deus, Aquele que vem ao mundo" (Jo 11, 26). Assim dizendo, Marta confessa a messianidade e a filiação divina de Jesus, reconhecendo nele a fonte de toda ressurreição e toda vida²¹.

A confissão de fé messiânica que os Evangelhos sinóticos colocam na boca de Pedro (cf. Mt 16,15-10), o Evangelho de João coloca na boca de uma mulher. A comunidade joanina reconhece numa mulher a porta-voz e a representante do conteúdo de sua fé²². E é essa confissão de fé que é base e sustento para a evangelização que será a missão maior da comunidade. O reconhecimento da filiação divina de Jesus e da salvação trazida por Ele; a proclamação disto como Boa Notícia formam o dinamismo desencadeador do processo de evangelização, todo ele presente no episódio do encontro de Marta com Jesus no capítulo 11 do Evangelho de João. Após confessar com sua boca a fé que a animava,

20 Cf. EUSÉBIO DE CESARÉIA, *Histoire Ecclésiastique* V, 11, (*Sources Chrétiennes* t. 41, p. 24). Citado em L. BOUYER, *Le Consolateur*, Paris, Cerf, 1980, 124.

21 V. o belo comentário de A. M. TEPEDINO, op. cit., 117-121.

22 Cf. E. SCHÜSSLER FIORENZA, op. cit., 329. É importante ressaltar que para o judaísmo do tempo de Jesus, o testemunho das mulheres não tem valor jurídico. V. sobre isso, J. NEUSMER, *Le judaïsme à l'aube du Christianisme*, Paris, Cerf, 1985.

Marta parte para chamar a irmã e fazê-la partícipe de sua alegria. O caráter difusivo e inclusivo — nunca intimista, nunca excludente — de toda evangelização está também presente e nos fala através da pessoa de Marta de Betânia.

Confessando sua fé em Jesus como fonte da vida que vence a morte, Marta abre o caminho para que a Boa Notícia do Evangelho entre em sua casa e em sua família, duramente atingida pela morte do irmão. Só ela e sua irmã Maria, dentre todos os que, ali, choravam a evidência de um cadáver que, morto há quatro dias, já cheirava mal (Jo 11, 39), mantinha intacta a fé ("Senhor, se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido. Mas mesmo agora eu sei que tudo que pedires a Deus, ele te dará"). Foi essa fé que a fez correr ao encontro daquele que, acreditava, guardava em suas mãos o segredo da vida. Sendo verdadeiro conhecimento, a fé não é, no entanto, nesta vida, luz perfeitamente clara e sem opacidades. Na espera do momento em que se tornará visão, a fé está profundamente ligada à esperança, à paciência que aguarda, em meio às tribulações, a manifestação e o triunfo da vida.

Marta de Betânia, mulher sábia e forte na fé, soube esperar para além das evidências. E a confissão que brotou de seus lábios foi o fruto maduro de seu teimoso e confiante amor pelo Mestre. Como toda mulher, Marta sabia que os processos da vida são lentos e dolorosos. É preciso acreditar, sofrer e esperar para poder chegar à luz da Revelação de Jesus como o Messias tão esperado, como o Filho de Deus.

Assim como Marta, as mulheres também trazem para a evangelização a contribuição inestimável de sua fé inquebrantável, que não se desencoraja nem sequer diante das "evidências" mais mortais e desgastadas. É essa fé, aliada à paciência que requer a lentidão da gestação do Evangelho nos diferentes meios e culturas, em meio a todas as circunstâncias as mais adversas, uma das grandes contribuições que a mulher pode trazer hoje à evangelização.

Vivemos uma época onde parece que as pessoas já se cansaram de discursos ociosos e palavras vazias. "O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas que os mestres, ou então, se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas"²³. Muitas vezes, a dificuldade que implica este testemunho leva ao desencorajamento e ao desânimo. Deixa-se, então, de lado a evangelização explícita, que tem sua base na confissão de fé, para dedicar-se somente a um trabalho de promoção humana e social, por achar-se que, afinal de contas, é o que mais importa.

23 Cf. Paulo VI, Discurso aos Membros do "Consilium de Laicis", (02/10/74) AAS 66 (1974) 565.

Embora a evangelização esteja intrínseca e inseparavelmente ligada à promoção humana e à libertação sócio-econômica e política²⁴, nada dispensa nem substitui a confissão explícita da fé em Jesus Cristo por mais dificuldades que esta explicitação encontre hoje em dia. A mulher, com a fé inquebrantável que sabe crer para além de qualquer obscuridade, e a paciência que vem da sua longa experiência de invisibilidade que aguardava o dia em que finalmente poderia se fazer ouvir, ser escutada e levada em conta na sociedade e na Igreja, é chamada hoje a trazer para toda a Igreja sua experiência que diz ser ainda possível confessar com a boca o que se crê com o coração. O desencorajamento evangelizador que se faz sentir hoje em alguns setores eclesiais sob a forma de tibieza e timidez certamente faz com que a comunidade eclesial tenha muito a agradecer às herdeiras de Marta de Betânia que fizeram ressoar com coragem e clareza a confissão de sua fé em Jesus Cristo como Filho de Deus e Messias que devia vir ao mundo.

3. O envio em missão

Vai encontrar meus irmãos e dize-lhes... (Jo 20, 17)

Evangelizar só é possível para aquele ou aquela que é enviado. Não é nem pode ser meramente humana a iniciativa que impele alguém a falar do que ouviu e acolheu no coração e propagar a todos aquilo que confessou com sua boca diante da comunidade. Assim como Jesus só se autocompreendia como o enviado do Pai, nada dizendo, nada fazendo que não remetesse a este envio primordial, assim o evangelizador é um enviado por Jesus a falar do que viu e ouviu. E é essa consciência de ser enviado que o faz ter coragem e força para anunciar a Boa Notícia de que Aquele que o envia é Filho de Deus e Deus mesmo.

No NT a palavra "enviado" *apóstolos* aparece sempre como sentido de missão, de participação dos discípulos no trabalho de Jesus. No entanto, essa palavra em Lucas tem a significação que engloba somente o grupo dos 12, enquanto que para Paulo o termo é mais abrangente, pois ele cita a si próprio e aos seus colaboradores mais diretos como Apolo, Júnio e Andrônico (cf. 1 Co 1, 12; 3, 4; 4, 6; 16, 12; Rm 16, 7) como apóstolos²⁵. O certo é que em nenhuma parte o NT deixa entrever uma compreensão do apostolado, portanto, do envio missionário, como um ofício eclesiástico institucionalizado e portanto

24 Cf. EN 31.

25 Cf. *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento*, vol. I, 140.

rigidamente transmissível. O apostolado, ou seja, a missão daqueles e daquelas que se sentiram enviados pelo mandato mesmo do Senhor a pregar e anunciar a Boa Notícia contribuiu, isso sim, a evitar que se diluísse no tempo a mensagem cristã e que se perdesse o vínculo de união entre o Jesus histórico e o Cristo do kerigma e não parece ter-se restringido a apenas um grupo determinado dentro da Igreja nascente²⁶.

O enviado é alguém que fala do que experimentou. Alguém que, tendo convivido intimamente com o Senhor, observou amorosamente seus gestos, seu jeito de ser e tratar as pessoas, bebeu suas palavras e fez disso o conteúdo fundamental de sua vida e sua missão. A consciência de ser enviado o impede de encontrar seu centro em si mesmo, mas o obriga a estar permanentemente fora-de-si, em êxodo perene para Deus e *para* os outros. Esse êxodo permanente implica numa participação direta na própria dinâmica da vida trinitária de Deus. O Deus do Cristianismo não é somente um Deus que envia, mas é também um Deus enviado. O movimento econômico da Santíssima Trindade revela fundamentalmente o envio do Filho que "não se aferra" a suas prerrogativas divinas (cf. Fl 2,5-11) e vem, enviado pelo Pai, ao encontro da humanidade pecadora na encarnação, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo; e o envio do Espírito Santo, "outro" Paráclito que, enviado pelo Pai e pelo Filho, "sai" do convívio inefável e imanente da comunidade trinitária para vir permanentemente em direção aos seres humanos, fazendo deles sua habitação, rememorando neles as palavras de Jesus e conduzindo-os à verdade plena.

Neste êxodo permanente que marca o movimento econômico da vida do próprio Deus, há uma característica kenótica marcante. "Saindo" da perfeita comunhão intratrinitária, o Filho se esvazia e se humilha, toma a forma de homem e de servo, faz-se obediente até a morte de cruz, vem aos seus que não o recebem (cf. Jo 1,11). O Espírito, por sua vez, passa a poder ser encontrado apenas nos outros. Seu rosto são os rostos humanos, suas palavras são as do Pai e do Filho: "Abba, Pai" e "Senhor Jesus" (cf. Gl 4,6; 1 Co 12,3). E no mistério de amor de sua in habitação nas criaturas humanas, feridas pelo pecado, expõe-se a ser abafado, contristado, extinto (cf. Gl 5,17; Ef 4,30; 1 Ts 5,19; Hb 10,29). Assim também aquele ou aquela que é enviado a proclamar a Boa Nova do Evangelho recebe como exigência, juntamente com a missão, o dever "sair" de si, realizar um êxodo permanente em direção àqueles e àquelas a quem vai anunciar.

26 Ibid., 146.

São todas estas características que se encontram na mulher Maria de Mágdala, "enviada" por Jesus como primeira anunciadora de sua Ressurreição. Todos os evangelistas mencionam Maria Madalena junto ao túmulo vazio, seja sozinha, seja com outras mulheres, assim como todos a apresentam em missão. Enquanto em Lucas e no apêndice de Marcos (16,9 ss) ela anuncia aos discípulos apenas o que presenciou, em Marcos e Mateus ela recebe do anjo juntamente com outras mulheres a incumbência de anunciar a ressurreição aos discípulos e em João recebe o mandato do próprio Cristo Ressuscitado de ir anunciar sua vitória aos seus irmãos²⁷.

Não se trata aqui de supervalorizar artificialmente o fato de os Evangelhos colocarem as mulheres como primeiríssimas testemunhas da Ressurreição, antes dos apóstolos, antes mesmo do discípulo amado. No entanto, não se pode deixar de admitir a possibilidade da existência de algum intencional elo dramático por parte dos evangelistas entre um ser tão inferiorizado como a mulher no judaísmo e o núcleo principal do Evangelho, que é a ressurreição²⁸.

Maria de Mágdala tivera sua integridade de pessoa restaurada por Jesus. Passara a partir daí, todo o seu tempo seguindo-o, ouvindo-o, bebendo suas palavras e ensinamentos. Na Cruz, na hora da dispersão e da deserção final dos discípulos, permanecera até o fim, presente, fiel (cf. Mc 15,40 e pars.) É a essa mulher de fé provada e madura que Jesus aparece e envia para anunciar a feliz notícia de sua ressurreição. Após tê-lo visto e ouvido (Jo 20,11-18), de ter sido por ele chamada pelo nome e de ter-lhe reconhecido a voz, como a ovelha com o Pastor, experimentando a alegria indizível da presença viva daquele cuja morte presenciara, Maria Madalena não pode guardar somente para si o que viu e ouviu. E por isso é enviada pelo Senhor aos irmãos: "...vai dizer aos meus irmãos: 'Subo para junto de Meu Pai e vosso Pai, Meu Deus e vosso Deus'" (Jo 20,17). Investida pelo próprio Kyrios para o ministério do kerigma, da evangelização, do anúncio do mistério de sua Páscoa, — missão central das testemunhas no NT, — Maria de Mágdala é desde aquele momento portadora daquilo que faz crescer todo o corpo da Igreja que vai se constituindo e ganhando identidade sob o sopro do Espírito.

A fé da comunidade eclesial, desde o primeiro momento, vai se perceber repousando sobre o testemunho daqueles e daquelas que viram

27 Cf. A. M. TEPEDINO, op. cit., 106-107.

28 Cf. F. LONG e R. PIETRO, op. cit., 28.

e creram (cf. Jo 20,28); e entre estes e estas está incluída a mulher Maria de Mágdala. Mas não é apenas a fé da comunidade como um todo. A fé do próprio grupo apostólico que mais importância parece ter para a Igreja primitiva — o grupo dos Onze —, parece ter como fundamento primeiro o anúncio da Ressurreição proclamado pelas mulheres e, muito especialmente, pela mulher Maria de Mágdala, mencionada pelos quatro evangelistas. O apêndice de Marcos a faz aparecer anunciando aos Onze a ressurreição de Jesus (Mc 16,9-11). E mais adiante, mostra o próprio Jesus censurando aos Onze por não haver acreditado nela e nos outros que lhes anunciaram Sua Ressurreição (cf. Mc 16,14). Lucas igualmente nos relata um anúncio feito pelas mulheres — entre elas Maria de Mágdala — “aos Onze e a todos os outros” (cf. Lc 24, 8-10). Enquanto Mateus e João mencionam apenas um anúncio “aos discípulos”, sem especificar os Onze (cf. Mt 28, 10; Jo 20, 18).

Apesar dos problemas exegéticos que possa haver na atribuição concreta do anúncio da Ressurreição por parte das mulheres aos apóstolos²⁹, a tradição mais antiga da Igreja pareceu reconhecer a importância deste fato, chamando Maria de Mágdala “apóstola dos apóstolos”, ou seja, enviada àqueles mesmos que foram reconhecidos posteriormente por todo o corpo eclesial como “os enviados” por excelência: o grupo dos Doze apóstolos, que tem destaque tão especial no NT. Parece claro também que o assumir o mandato e o envio do Senhor para anunciar a Boa Nova de sua Ressurreição custou a Maria de Mágdala e suas companheiras o preço de experimentar o desprezo e o descrédito por parte dos apóstolos (cf. Mc 16,11; Lc 24,11). A marca característica do êxodo de si próprio, da kénosis que envolve todo envio e toda missão, presente mesmo na própria dinâmica trinitária, está portanto, presente no envio das mulheres, primeiras apóstolas da Ressurreição.

Assim também hoje, a mulher é enviada pelo Senhor a tomar a palavra e anunciá-lo por todos os lados e a todas as pessoas. Dotada por Deus de sensibilidade e percepção aguçadas, de fidelidade e capacidade de suportar as provações e os momentos difíceis, de tenacidade capaz de ir buscar a Vida mesmo dentro de um sepulcro (cf. Jo 20,11-12), a mulher hoje, como ontem Maria Madalena, é chamada a anunciar o que viu e ouviu, a comunicar aos outros sua experiência do Evangelho, da Boa Notícia de que a vida venceu a morte.

Talvez não seja levada muito a sério assim como não o foram Maria e suas companheiras, pelos discípulos que não acreditaram no

29 Referimo-nos aqui à discussão, por exemplo, sobre a pertença do apêndice de Marcos ao “corpus” marciano, e outros mais.

seu testemunho (cf. Mc 16,21); talvez sua missão e o anúncio que trazem consigo pareçam ao mundo "desvario", indigno de crédito (Lc 24,11)³⁰. O importante, porém, é que a evangelização aconteça e Jesus Cristo seja anunciado. E a mulher é chamada, hoje como ontem a colocar-se na linha de frente desse anúncio da salvação que chegou para todos. Ela o tem feito com tenacidade e persistência, para além de todos os descréditos e desprezos de que possa ter sido objeto, sabendo-se membro pleno e ativo da comunidade de batizados, marcados com o selo do Espírito, cuja missão primeira e maior é anunciar a tempo e a contratempo a Boa Nova da Ressurreição de Jesus Cristo.

4. A participação na comunidade

As que se afadigam pelo Evangelho (cf. Rm 16,12)

A comunidade eclesial que se constrói a partir da experiência alegre da Ressurreição de Jesus e da efusão do Espírito Santo em Pentecostes é uma comunidade onde se instauram novas relações entre as pessoas. Os relatos do Novo Testamento trazem até nós o retrato de um grupo humano verdadeiramente "informado", inspirado e atravessado por uma experiência nova e transformadora que o destaca no meio da sociedade e do mundo religioso de então. A proposta do Reino trazida por Jesus vai crescendo, apesar de todas as humanas dificuldades, no meio daqueles que vão aderindo ao anúncio apostólico, como semente em terra boa e propícia, fazendo acontecer as relações humanas em termos de um aprendizado de igualdade e fraternidade reais.

Esta comunidade primeira que se formou na aurora do Cristianismo, é normativa para a comunidade eclesial de todos os tempos. Olhar para a Igreja Primitiva consiste, para a Igreja de ontem e de hoje, em aprender sempre mais e mais profundamente sobre sua identidade e sua missão e ganhar novo ânimo para humildemente avaliar-se e examinar-se diante do Senhor, a fim de converter-se e corrigir a rota que aponta para o futuro. A maneira como a Igreja primitiva vivia e se organizava com vistas a sua missão primeira de anunciar o Evangelho a toda criatura pode ajudar a Igreja hoje a perceber como vive sua organização interna em ordem à vivência da missão que deve levar para além de suas fronteiras. O lugar e o espaço que a Igreja Primitiva dava às mulheres na sua estrutura de organização missionária é um destes importantes pontos característicos que hoje reclamam da Igreja uma reavaliação e uma conversão.

30 D. BRUNELLI, *Libertação da mulher. Um desafio para a Igreja e a Vida religiosa da América Latina*, Rio de Janeiro, CRB, 1988, 53.

O primeiro ponto que chama a atenção neste particular, quando se volta o olhar para a Igreja Primitiva, consiste no próprio rito de iniciação que marca a entrada de um novo membro na comunidade. Ao contrário do judaísmo, que foi seu berço de nascimento, o rito de iniciação do Cristianismo — o Batismo — não é um rito sexista³¹. Não passa, necessariamente, para sua realização, pela anatomia de um ou outro sexo, como acontece com o rito judaico da circuncisão. E, se se encontram no NT polêmicas em relação ao batismo no sentido de admitir ou não a ele homens gentios que não tivessem passado pela circuncisão (cf. At 15), no caso das mulheres não há sinal de polêmica em nenhum texto neotestamentário. Desde o início, portanto, as mulheres são membros diretos e plenos da comunidade cristã, batizadas da mesma maneira que os homens. E o livro dos Atos, que narra a vida dos primeiros cristãos, vai falar constantemente em “homens e mulheres” ao se referir àqueles que se convertem e recebem o Batismo. (cf. At 5, 14; 8,3 etc.)³².

Presentes na comunidade que, em Jerusalém, aguarda o Espírito prometido³³, as mulheres vão fazer parte, nesta primeira hora da Igreja, da “multidão de fiéis” que acolhe a palavra e vai formando as primeiras comunidades cristãs, aderindo em grande número à fé e ao batismo³⁴. Na comunidade de batizados que é fruto da Ressurreição de Jesus e da experiência do Espírito, portanto, se concretiza de forma palpável a exclamação agradecida e maravilhada de Paulo: “Não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos sois um só em Cristo Jesus!” (Gal 3,28)³⁵.

O batismo dá à mulher cristã o direito e o dever de participar ativamente na comunidade eclesial primitiva. E é assim, então, que o Novo Testamento vai nos dar conta e nos apresentar mulheres com diversos carismas que as levam a prestar diferentes serviços na comunidade que se organiza para a missão evangelizadora. O fato de que sejam

31 Cf. R. LAURENTIN, “Jesus e as mulheres: uma revolução ignorada”, *Concilium* 154 (1980/4) 81-83.

33 O cap. 1 dos At menciona os Onze, aos quais se acrescenta Matias, e menciona com eles, participando da assiduidade à oração que preparou a vinda do Espírito Santo sobre eles, “algumas mulheres, entre as quais Maria, a mãe de Jesus. (cf. At. 1,13-14).

34 Cf. D. BRUNELLI, op. cit., 56.

35 Ibid. cf., sobre as distintas interpretações deste versículo, E. SCHÜSSLER-FIORENZA, “Justificada por todos os seus filhos. Luta, memória e ideal”, *Concilium* 227, 1990/1, 28-29.

somente mencionadas, num contexto naturalmente patriarcal, já mostra que estes nomes de mulheres semeados pelos escritos neotestamentários representam presença de grande importância nas comunidades de então.

Na lista de carismas elencados por Paulo no seu texto de 1 Co 12, 28 existe nitidamente uma hierarquia, começando de cima para baixo em grau de importância. Os primeiros a serem mencionados são os apóstolos, em seguida os profetas, vindo depois os demais carismas de doutores, milagres, curas etc. Ora, podemos ver que destes dois ministérios da máxima importância, o de apóstolo e o de profeta, a mulher não está ausente na Igreja Primitiva³⁶.

É assim que Júnia, em Rm 16, 7 é saudada por Paulo, juntamente com Andrônico, como "apóstola eminente", sua predecessora na fé e sua companheira de prisão. Este dado permite supor que, tal como levam a concluir as correntes exegéticas mais recentes, o ministério apostólico não se restringe apenas ao grupo dos Doze, mas se alarga para aquelas pessoas — homens ou mulheres — que acompanharam os Doze durante todo o ministério apostólico de Jesus (cf. At 1,21), ou que "viram" o Senhor Jesus e se dedicaram integralmente a construir sua obra (1 Co 9,1) e anunciaram o Evangelho não por inspiração humana, mas por chamado do próprio Senhor (Gl 1,11).

Em casa do evangelista Filipe, em Cesaréia, são mencionadas pelo livro dos Atos quatro profetisas, filhas do mesmo Filipe (At 21,8s). E o próprio Paulo, ao regulamentar o uso do véu sobre a cabeça para "toda mulher que reza ou profetiza" (1 Co 11,5) está reconhecendo explicitamente o exercício do ministério da profecia por parte da mulher. Cumpre-se assim, na Igreja Primitiva, a profecia de Joel, interpretada e anunciada por Pedro em Pentecostes, dizendo que "vossos filhos e filhas serão profetas" (At 2,17).

O diaconato da mulher também não deixa de ser mencionado no NT. Com relação a Febe, chamada diaconisa da Igreja de Cencreia, seu papel parece ser de extrema relevância, já que Paulo cerca seu nome das recomendações mais afetuosas e agradecidas, dirigindo-se aos destinatários da epístola. Recomenda-lhes que a "acolham no Senhor de uma maneira digna dos santos, ajudando-a em todas as coisas nas quais ela tivesse necessidade..." E acrescenta: "Pois ela foi uma protetora para muitas pessoas e para mim mesmo" (Rm 16,1-3).

A servidora do Evangelho Febe não está sozinha na sua diaconia. O capítulo 9 dos Atos, 36-42, mencionam uma certa Tabita, chamando-a "discípula" (v. 36) e narrando que se dedicava às "boas obras e às

36 Sobre isso, v. D. BRUNELLI, op. cit., 56-58 e A. M. TEPEDINO, op. cit., 126.

esmolas", ou seja, ao serviço dos pobres, concretamente, das viúvas da cidade de Jope (v. 36.39). Ora, isto remete diretamente à instituição dos sete diáconos de At 6, 1-6 e, se Tabita (ou Dorcas em grego) não é diretamente chamada diaconisa, pode-se reconhecê-la como tal pelo serviço que exerce, tal como a árvore se reconhece pelos frutos. O livro dos Atos nos mostra ainda a mesma Tabita sendo ressuscitada por Pedro (v. 40-41). E a primeira carta a Timóteo 3, 11 parece referir-se ao ministério das diaconisas como oficialmente instituído³⁷.

Há ainda outros nomes de mulheres que mostram o quanto lhes deve a organização da missão evangelizadora da primeira hora. São mulheres que, em total disponibilidade, colocam tudo que são ou que têm a serviço da propagação da palavra, seja como coordenadoras de comunidades e animadoras de igrejas domésticas, seja como missionárias que viajam incessantemente anunciando o Evangelho e formando os futuros evangelizadores, seja como servidoras que dispendem todas as suas energias servindo a comunidade de todas as formas possíveis.

É assim que encontramos a grande Priscila que, juntamente com seu marido Áquila, foi peça fundamental nas viagens de Paulo de Corinto até Éfeso (At 18, 18s), na animação das comunidades locais em Corinto (1 Co 16,19) e no aprofundamento da formação de Apolo, que será futuramente um dos maiores colaboradores de Paulo, chamado por ele mesmo de apóstolo (cf. At 18,24-26; 1 Co 1,12; 3,4; 4,6; 16,12; Tt 3,13). Paulo se refere a este casal – mencionando quase sempre a mulher em primeiro lugar – com expressões de verdadeira admiração e louvor, aplicando-lhes palavras que só destina a seus colaboradores mais íntimos, como Timóteo, Tito, Urbano (cf. Rm 16,21; 1 Ts 3,2; 2 Cor 8,23; Rm 16,9). Chamando-os colaboradores seus "em Cristo Jesus", Paulo reconhece que lhes deve a vida, pois para salvá-lo arriscaram-se até a morte. E não só ele lhes é reconhecido, mas "todas as igrejas do mundo pagão o são também" (cf. Rm 16,3-4).

No capítulo 12 dos Atos, Pedro, ao escapar da prisão, dirige-se à casa de Maria, mãe de João Marcos, onde a Igreja está reunida em oração e onde, além de Maria, não é mencionado ninguém mais, o que indica estar ela à frente da comunidade orante ali reunida (At 12,12-17). E no capítulo 16,11-15 nos é apresentada a fascinante figura da comerciante de púrpura Lídia de Tiatira que, reunida em oração com um grupo de mulheres à beira do rio num dia de sábado converte-se através da palavra proclamada por Paulo. O livro dos Atos dá especial ênfase à sua capacidade de escuta atenta e total, frisando que ela "era toda

37 Dizemos "parece" porque o texto pode ser compreendido também no sentido das mulheres dos diáconos.

ouvidos, pois o Senhor lhe havia aberto o coração para torná-la atenta às palavras de Paulo" (v. 14). Aderindo a Jesus Cristo, recebe o Batismo, "assim como todos os de sua casa", e coloca seu lar à disposição daqueles que lhe tinham aberto as portas do Evangelho como ato imediato após sua conversão. Lídia de Tiatira, rica comerciante que não perdeu a sede de Deus apesar de sua prosperidade e sucesso na profissão, coloca em risco seu trabalho, sua segurança e sua família hospedando em sua casa aqueles desconhecidos que lhe haviam introduzido ao conhecimento de Jesus Cristo. Mais adiante, no mesmo capítulo 16, v. 40, vamos encontrá-la recebendo e acolhendo Paulo e Silas quando de sua saída da prisão expondo-se ao risco de, como eles, ser também perseguida e presa. É, pois, em Filipos, na casa de uma mulher, que nasce a Igreja Cristã que se prepara para evangelizar a Europa. E isso foi possível porque essa mulher abriu de par em par as portas de sua casa e de seu coração para o Evangelho de Jesus Cristo, correndo todos os riscos inerentes a essa opção³⁸.

Finalmente, o NT nos menciona outras mulheres que realizam outros serviços dentro da Igreja Primitiva. Serviços mais humildes e anônimos mas certamente importantes para que a caminhada do Evangelho tivesse prosseguimento. Algumas vezes esses serviços são mencionados — como o das viúvas que "lavaram os pés dos santos", praticando a hospitalidade e seguindo o exemplo do próprio Jesus (cf. 1 Tm 1,10). Outras vezes, é dito simplesmente que estas mulheres "trabalharam" ou "se afadigaram" no Senhor. Nesta categoria estão incluídas Maria, Trifena, Trifosa e Pérside (Rm 16,6.12) que certamente se entregaram inteiramente ao serviço do Evangelho e da comunidade e que, por isso, merecem a consideração e o carinho que o próprio Paulo reivindica para si mesmo e para todos os que assumiram a missão evangelizadora com tal dedicação (cf. Gl 4,11; Fl 2,16; 1 Co 15,10; 1 Ts 5,12). Sem o espírito de serviço e a entrega de vida destas mulheres, certamente o trabalho de evangelização teria estado privado de uma colaboração importantíssima, responsável em grande parte por seu sólido crescimento e difusão. E os primeiros séculos da história da Igreja vão dar prosseguimento a esta presença do serviço feminino à causa do Evangelho, que ganhará contornos novos de glória e santidade com o testemunho até o fim das primeiras mártires: Perpétua, Felicidade, Águeda, Inês, Blandina e tantas outras.

³⁸ Cf. o breve mais interessante artigo de E. M. R. ZENKNER, "Lídia, a mulher que abriu as portas da Europa ao Evangelho", in *Informativo Mulheres agora*, Comissão Ecumênica da década de solidariedade com a mulher, CONIC, ano 1, nº 1, fevereiro de 1990, 5.

Hoje também continuamos vendo estas que se afadigam no Senhor empenhadas com todas as suas energias em fazer o Evangelho alcançar todos os cantos do mundo e todas as dimensões da realidade. Em nossos dias chamam especialmente a atenção as religiosas inseridas que, no meio do povo, compartilhando sua vida sofrida e difícil, vão inventando e criando uma maneira nova de evangelizar, não só com a palavra, mas com a vida, com a con-vivência, e muitas vezes com a entrega da vida até o fim. Cabe também mencionar as leigas coordenadoras de CEBs e de círculos bíblicos, que com dedicação sempre maior, vão assumindo a missão de fazer crescer no meio do povo mais pobre uma nova maneira de ser Igreja, realizando com espírito e com perseverança grande diversidade de serviços que ajudam a palavra do Evangelho a ressoar com nova força. A essas que continuam a afadigar-se no Senhor, que são como o grão de trigo que morre e não fica sozinho, mas dá muitos frutos, é justo e necessário prestar o devido reconhecimento por parte da comunidade eclesial que tanto lhes deve.

Mulher: uma presença afirmativa na evangelização

Com o advento da celebração dos 500 anos de evangelização na América Latina e todo o movimento de balanço e avaliação que esta celebração deslança por todo o continente, impõe-se repensar a maneira como estivemos considerando muitos dos aspectos dessa evangelização quase cinco vezes centenária. Um desses aspectos é sem dúvida a presença da mulher nesse processo evangelizador.

Sempre que se escreveu a história da evangelização em geral e, muito particularmente, da evangelização em nosso continente, a presença da mulher ou bem tem sido omitida ou bem tem sido definida por sua carência. A mulher não esteve nem está na linha de frente da evangelização, porque não poderia assumir os riscos e as durezas que implicaram o trabalho dos primeiros missionários que trataram de evangelizar as novas terras. Além disso, por *não* ter acesso aos ministérios ordenados, não podia realizar alguns serviços fundamentais no trabalho evangelizador, como por exemplo a dispensação dos sacramentos, etc. Tendo estado, como sempre esteve, mais restrita à esfera do privado, do doméstico, *não* fez ouvir sua voz em nome do Evangelho nos momentos-chave da história latino-americana, tal como o puderam fazer um Bartolomé de las Casas, ou outras figuras masculinas.

Creemos que este seria o momento, o verdadeiro *kairós*, para reverter este estado de coisas e começar a refazer a história, falando afirmativamente da presença da mulher em todo o processo de evange-

lização³⁹. Desde os tempos de Jesus, a mulher é chamada a participar e efetivamente participa ativamente no processo de anúncio e difusão da Boa Nova, não por iniciativa auto-suficiente sua, nem por desejo de usurpação indébita de algo que não lhe corresponde, mas porque a isso foi e é chamada e formada, para isso foi e é desafiada e enviada pelo próprio Senhor e pela comunidade que requer e exige o seu serviço.

Hoje como ontem, hoje talvez mais que nunca, a mulher sente sobre seu rosto o sopro do Ressuscitado e Seu Espírito que a re-criam, e ouve a voz do Senhor que diz: "Como o Pai me enviou, eu também vos envio" (Jo 20,21-22). E estas que "também" são enviadas, depois de terem sido chamadas e formadas aos pés do Mestre e por ele desafiadas a assumir e confessar publicamente a sua fé, poderão ajudar a tornar realidade a nova evangelização que não só o continente latino-americano, mas o mundo, tanto necessitam. O Evangelho proclamado com novo vigor e renovada alegria pela boca da mulher constitui, sem dúvida, uma das esperanças mais concretas e iluminadoras do projeto de uma nova evangelização.

-
- 39 Esta presença deve ser entendida inclusive no positivo escondido de sua ausência, quando por não exercer o ministério ordenado, o ministério da mulher vem descobrindo novas formas de expressão, mais flexíveis e criativas. Cf. sobre isso S. SCHNEIDERS, "La experiencia espiritual de las mujeres", in *Selecciones de Teología* 24 (1985) 327-332.

Maria Clara Lucchetti Bingemer é doutora em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Professora de Teologia Sistemática na Faculdade de Teologia da PUC/RJ (Rio de Janeiro). Leiga, casada, mãe de três filhos. Publicou: *Escatologia cristã* (juntamente com João Batista Libânio) (Petrópolis: Vozes, 1985). *Maria, Mãe de Deus e Mãe dos pobres* juntamente com Ivone Gebara) (Petrópolis: Vozes, 1987). "Em tudo amar e servir": mística trinitária e práxis cristã em Santo Inácio de Loyola (São Paulo: Loyola, 1990).

Endereço: Rua Almirante Salgado, 51 - Laranjeiras - 22240 Rio de Janeiro - RJ